

*O maior presente que alguém pode ganhar  
é a descoberta do seu propósito.  
Que nada mais lhe seja tão urgente.*

*Em memória de José Carlos Vassoler,  
o eterno menino.*

*Aos sempre meninos e meninas  
Paulo Roberto, Felipe, Ivo, Carolina,  
Renata, Edu, Victor Hugo,  
Théo Alan, Matheus, Laura,  
meus queridos afilhados*

II	<b>PREFÁCIO</b>	Do medo de ousar à coragem de realizar
15	<b>PARTE 1 O velho e o menino</b>	O Velho Tافل O menino e o seu destino A seta e o alvo A vida das palavras
31	<b>PARTE 2 Os cinco desígnios</b>	O primeiro desígnio O desafeto O segundo desígnio Olhar apreciativo O terceiro desígnio Olhar empático Retorno ao lar De atalhos e caminhos O melhor líder de todos os tempos Do aqui e acolá O quarto desígnio Olhar consciente A volta do menino O velho camaleão O quinto desígnio Lições de liderança Oba-oba O desafeto perpétuo O dinheiro é bom O teste final
109	<b>PARTE 3 O menino e o velho</b>	Pobres enganos O meu propósito As três perguntas
137	<b>EPÍLOGO</b>	Convicção é não ter certezas

## **PREFÁCIO**

### **Do medo de ousar à coragem de realizar**

O que está acontecendo?

Preste atenção na conversa daquelas duas operadoras de caixa de supermercado. Sabe do que falam? Da compensação de horas, dos dias de folgas, do horário de saída – momentos que mal podem esperar. Elas são apenas um exemplo, entre muitos outros. O mesmo acontece com atendentes das redes de *fast-food*, balconistas de lojas de roupas, frentistas de postos de gasolina, funcionários de escritórios etc. O que eles têm em comum é a pressa de ir embora, de retornar para casa ou de se dirigir a algum lugar que lhes traga algum tipo de satisfação que eles não encontram no trabalho. Enquanto isso não acontece, atenuam o tédio e a falta de ânimo dialogando entre si ou nas redes sociais, por meio de seus smartphones.

Comprove por sua própria conta! Uma despreocupada passagem por vários ambientes da empresa e um relaxado bate-papo no refeitório vai lhe mostrar que boa parte das pessoas se encontra nesse vácuo. Elas estão mais preocupadas com o momento de ir embora dali, ansiando por qualquer oportunidade de compensação de horas, folgas e feriados prolongados, em vez de concentrar-se no propósito de seu trabalho. O absenteísmo e os problemas trabalhistas são provas disso.

Não pense, no entanto, que é muito diferente com os gerentes desses mesmos negócios, líderes, portanto, dos profissionais desencantados. Também eles não veem a hora que chegue o final de semana para então, finalmente, fazer as coisas de que gostam. Talvez sair de bicicleta pela cidade ou de motocicleta pelas estradas, viajar

com o parceiro para algum lugar ou com a família para a praia ou o interior, em um hotel fazenda. E com igual objetivo: a satisfação ou a compensação ao árduo cotidiano.

Se você acredita que o dono do negócio, por usufruir de uma situação privilegiada de poder e autonomia, está mais feliz do que os demais, engana-se. Acredite, ele não vê a hora que cheguem as suas férias para concretizar aquela viagem para o exterior – América do Norte, Ásia ou Europa, entre outros continentes -, rumo a qualquer lugar do planeta que satisfaça, mesmo provisoriamente, uma busca incessante ao cotidiano sem tempero.

O que existe em comum entre eles?

Todos vivem uma ausência de propósito!

A ausência de propósito atinge aqueles que optam pelo sustento em um emprego que não conversa com seus dons e talentos nem abre espaço para a criatividade. Milhares de pessoas gastam seus dias em um trabalho que não lhes oferece nenhum tipo de recompensa, além da financeira, quando muito.

A ausência de propósito é comum, também entre os empreendedores, executivos e empresários reféns da dimensão econômica e que, por isso, têm como únicos objetivos lucrar e crescer. Com uma perspectiva tão limitada, seus negócios são destituídos de significado. Eles conseguem êxito, mas, depois de uma vida inteira e ainda no topo, tardiamente descobre que escalaram a montanha errada. Da mesma forma e infelizmente nesses casos o propósito não foi algo com que valesse a pena se preocupar.

Não pense, porém, que a ausência de propósito afete somente o mundo dos negócios e do trabalho. Quem vive sem propósito é presa fácil da entropia, geradora de preocupação, medo e estresse. Hoje, esse mal envolve

a maioria da população, sobretudo os jovens perdidos nas drogas lícitas e ilícitas, com baixas perspectivas profissionais. O estudante, em sua busca interminável por currículo, pode descobrir que não é isso o que lhe falta, mas sim a definição de um propósito. Os pais, sem saber muito bem como lidar com esses dilemas e impotentes diante de um cenário cada dia mais ameaçador, ajudam involuntariamente a piorar o quadro.

O problema se repete entre os que se aposentam e que, ainda repletos de vigor, desconhecem o que fazer com a terceira parte da vida.

Não existe desespero maior do que viver sem sentido. E o sentido da vida, bem como o seu significado, só acontece quando se descobre e vivencia um propósito.

É bom, no entanto, discernir claramente entre propósito e objetivos e metas ou ainda coisas a fazer. Permanecer em estado de excesso de ocupações pode ser uma decorrência de falta de propósito, algo muito corriqueiro quando existe a tradicional dobradinha: trabalho demais e baixo compromisso emocional.

Em uma empresa, a declaração de propósito é a mais importante definição de posicionamento. Vale para uma organização, vale para uma pessoa, seja empregado, estudante, profissional liberal, religioso. Sim, porque expressa o sentido e o significado de todo o seu projeto de vida.

Por experiência própria, descobri que um propósito bem definido proporciona transformações na vida. As oportunidades aparecem, porque a atenção está concentrada no propósito e em tudo o que a ele se relaciona. A tomada de decisão torna-se mais fácil, porque passa a ter um parâmetro que facilita as escolhas. O desejo, a base do propósito, aciona a motivação e se contrapõe ao medo.

Este livro vai ajudar você a definir o seu propósito, caso ainda não o tenha descoberto. Vai reavivá-lo, se tiver perdido o viço. Vai propiciar uma reorientação, caso esteja construindo castelos na areia. Vai, no mínimo, manter sua atenção focada nesse exercício de busca. O que de pior pode nos acontecer é ter passado ao lado do nosso propósito sem reconhecê-lo. Qualquer que seja a situação, defini-lo ajudará você a migrar da platitudo à plenitude.

Para onde vamos e o que vem a seguir? Saiba que, a partir de agora, você não está só! Trilharemos juntos o percurso rumo ao seu propósito. Também tive a sorte de elaborar o meu em boa companhia. Quero, então, retribuir.

Vamos?

## PARTE I O velho e o menino

“O menino tinha no olhar um silêncio  
de chão e na sua voz uma candura de Fontes”.

MANOEL DE BARROS

I

### O Velho Taful

Conheci o Velho Taful num ônibus que se dirigia à Barra Funda, naqueles meus 20 e poucos anos universitários. Mania de ler, trazia sempre comigo um livro para me entreter e ampliar o conhecimento, amenizando o tédio do trânsito da cidade de São Paulo, já intenso na década de 70.

Estava mergulhado na leitura de uma obra do realismo fantástico que fazia muito sucesso naquela época, *O Despertar dos Mágicos*, de dois autores franceses.

– Está gostando do livro? – foi o que ouvi do passageiro sentado a meu lado.

– Sim – respondi curto e grosso – e continuei concentrado no que fazia.

Detestava ser interrompido por dar menos importância às conversas, considerando-as quase sempre banais.

– Recebi os originais desse livro para revisão e contribuição – ele insistiu na prosa.

Diante do que considerei um grande atrevimento, tratei de medir de cima a baixo a pessoa. Era um senhor elegante, com magníficos bigodes, a calvície encoberta pelo chapéu impecável. Portava uma bengala, embora aparentasse vigor físico e disposição, apesar dos seus mais de sessenta anos e da indumentária mais condizente com os anos 30 ou 40, nos trajes formais, de terno e gravata.

– Ah, é mesmo? – indaguei desconfiado, quase desacertando aquela figura *sui generis* instalada junto a mim, no transporte coletivo.

Resolvi suspender a leitura para dar espaço ao que eu considerei um conto da carochinha. Sempre cortês, também na maneira de se comunicar, ele me disse que os

autores franceses eram seus amigos e que haviam solicitado a avaliação dele sobre a edição brasileira do livro. Resabiado, finalmente resolvi aprofundar a conversa, mas já sem tempo. Meu interlocutor ia desembarcar no próximo ponto. Antes de se levantar, falou:

– Aprecio quem gosta de leitura. Deixe-me seu endereço. Vou lhe enviar um livro de minha autoria.

Assim, trocamos cartões de visita. No dele, estava escrito: Benjamin Taful, escritor e empresário.

Alguns dias depois recebi pelo correio o que ele prometera. Na singela dedicatória, ele havia escrito “com lembranças do passageiro de ônibus”. Corri os olhos pelas orelhas das capas, querendo saber mais sobre um ser humano tão singular. De fato, ele possuía uma bagagem considerável de obras literárias e de iniciativas culturais, suficiente para fazer dele alguém de relevo na vida intelectual do País e também reconhecido no exterior. O Velho Taful, denominação que adotei por minha conta, foi crucial na inspiração e elaboração de meu propósito de vida.

Como um arauto, o Velho Taful era um amigo de confidências, com quem eu podia compartilhar minhas dúvidas, incertezas e medos, na convicção de ser aceito e compreendido incondicionalmente.

Por muitos anos, após aquele encontro casual, tive a sorte de beber da sabedoria daquele velho homem. Encontrava-o sempre sorridente e disponível. Eu apreciava a relação dele com a vida e o seu jeito de desfrutar do que ela lhe oferecia.

Repasso o que aprendi com o Velho Taful, na esperança de que você também trilhe, ao seu modo, o caminho em direção a seu verdadeiro propósito.

“Faça de sua vida uma aventura fértil!” – dizia o Velho Taful.

Era o que fazia e foi o que passei a praticar.



## O menino e o seu destino

Comecei a frequentar o ateliê de leitura e escrita do Velho Taful. Percorria com a minha magrela a distância de cerca de seis quilômetros entre minha residência e o endereço dele. Ali era o seu refúgio e, também, a sua fortaleza. Era onde ele se nutria de algo que o mantinha cada vez mais vivo: o conhecimento.

As prateleiras estavam sempre abarrotadas de livros, discos e revistas. Sobre os armários, fotografias, artesanatos e souvenirs de lugares por onde andou. Havia, ainda, brinquedos, quebra-cabeças e miniaturas de instrumentos musicais. O Velho Taful gostava muito de música, especialmente de canções populares de todos os lugares. Comparava: livros são como pedras paradas no fundo de um rio. Estáticos e silenciosos. É preciso mergulhar para acessá-los. As canções são borbulhantes como as ondas. Inquietas e vibrantes. Elas se achegam por conta própria. Com essa analogia bem típica, ele realçava a importância do estudo e da pesquisa.

Em uma das paredes, mantinha uma tela com a imagem de Francisco de Assis, em meio a uma paisagem exuberante, de flora e fauna tropicais, como se o santo tivesse vivido não na Itália, mas em algum país abaixo da linha do Equador, fruto do imaginário de um pintor do estado da Paraíba. No lado oposto, havia o quadro de um menino olhando suplicantemente para cima, dirigindo-se a alguém que não aparece inteiramente, mas cuja mão afaga sua cabeça. A imagem me fazia viajar no tempo.

Reencontrava o menino que, ao longo da infância, ajudava o pai no comércio. Vivia em uma pequena cidade do interior do estado do Paraná, com cerca de oito mil

habitantes. O menino vivia o trabalho, mas vivia também os amplos quintais, entre goiabeiras e bananeiras, cachorros e galinhas, borboletas e joaninhas. Por problemas financeiros e na luta pela sobrevivência, a família se esfacelou e o menino veio morar em São Paulo, pouco antes de completar 14 anos de idade.

Para o menino acostumado à liberdade do campo, a Praça Júlio Prestes, local da antiga rodoviária, pareceu uma ilha intransponível. Atordoado, a princípio sequer ousava atravessar para o outro lado da rua.

O vai e vem dos veículos e o barulho das buzinas formavam um ambiente caótico para os seus sentidos acostumados com o bucólico lugar em que vivia, o vento soprando sobre a copa das árvores, o grunhido dos animais, o aboio dos vaqueiros conduzindo as boiadas.

Mas o choque maior ainda estava por vir. Foi o seu primeiro contato com a instituição chamada de “organização”. Para manter-se na cidade grande, era preciso ter um emprego.

O menino criado na liberdade dos quintais deparou-se com uma estrutura hierárquica, feita de normas e procedimentos, formulários e controles. Nunca tinha ouvido falar de burocracia, mas a sentiu de perto. Perdia horas em busca de uma assinatura ou de um carimbo. Lidava com nomes estranhos como *voucher*, borderô, memorando, duplicata, fatura, nota fiscal. Logo ele, acostumado com outro vocabulário: forquilha para fazer estilingue, bola de gude, bilboquê, pipa, e até bola de capotão, embora essa fosse para os mais abastados.

Logo descobriu que as leis de fora valiam mais do que as leis de dentro. A produtividade, mais do que a criatividade. E o resultado, mais do que o processo.

Estranhava ser chamado de mão de obra, como que sugerindo um não pensar, não criar, não sonhar, apenas produzir e render. Algumas vezes se referiam a ele como recurso humano, a ser equiparado com desvantagens a outros, como os físicos ou financeiros. Pior, ainda, foi descobrir que não passava de um item de custo, incluído na folha de pagamentos, a influir sobre os resultados da empresa. E notar, mais tarde, que as organizações costumavam promover um tal de *turnover*, um nome chique para indicar os candidatos a colocar no olho da rua. Algumas pessoas chegavam a temer aumentos de salário, por entender que se os recebessem passariam a fazer parte da lista daqueles que iriam rodar.

Era preciso se enquadrar e, assim, enquadrava-se também o potencial criativo, a vontade de realizar, a coragem para ousar, o direito de sonhar. Reduzia-se, portanto, a capacidade de ser e o desejo de vir a ser.

Notou, ainda, que a maior parte das pessoas trabalhava cerca de 40 horas ou mais por semana, fazendo o que detestava.

Em contrapartida, existiam as anedotas, para aliviar a dor. Como aquela do funcionário que chega para o chefe e diz: “o senhor vai me desculpar, mas estou ganhando muito pouco”, ao que o superior hierárquico, laconicamente, responde: “está desculpado”.

As pessoas adoeciam e consultavam médicos em busca de atestados para que suas faltas não fossem descontadas. Algumas chegavam a simular problemas, com o mesmo objetivo. Entre o querer agradar e o medo de desagradar, desenvolviam habilidades políticas para manter o emprego e conquistar promoções. Com isso, desenvolviam múltiplas personalidades, transformando a vida no trabalho em uma peça de teatro.

Definitivamente, aquele não era um ambiente saudável.

Mas nada calou mais fundo no menino do que o dia em que ele foi revistado. Tudo por causa de um furto na empresa e, então, todos eram suspeitos até provar o contrário. Sentiu-se humilhado e ultrajado. Com toda razão. Foi revistado e interrogado por um colega de trabalho, alguém que ele, antes, considerava amigo. A partir dali o menino se deu conta de que o paraíso havia ficado para trás. A relação de confiança que um menino tinha em outro menino era diferente da relação de confiança entre os adultos. Adultos que perdiam a meninice perdiam também a confiança uns nos outros. E a desconfiança era a marca mais representativa da tal “organização”. Por isso, todo aquele aparato cerceador de comando e controle, de vigilância e punição.

O menino perdia as asas enquanto se acostumava com a gaiola.

A mão que afagava a sua cabeça, quando se comparava à imagem do quadro na parede, agora tinha rosto. O Velho Tافل sabia que o conhecimento e o intelecto são insuficientes para ocupar o lugar da ternura e do afeto. Ele bem compreendia a minha desdita, similar a tantas outras, e o meu olhar suplicante, como tantos outros.

### 3

#### A seta e o alvo

O Velho Taful acabava de retornar da sua caminhada matinal e, pelo semblante, parecia mais animado do que de costume.

– Está na hora de começar!

– Começar o quê? – perguntei, intrigado.

– O filósofo Sêneca ensina que “nenhum vento sopra a favor de quem não sabe para onde ir”.

– Vai dizer que conheceu também o filósofo Sêneca? – questionei, com uma pitada de ironia.

Rindo da minha provocação, ele puxou um livro da estante.

– Você precisa se orientar por um propósito. Veja só...

– folheando, localizou a página – *proponere*, do latim, aqui está. *Pro*, adiante, colocar à frente, *ponere*, colocar, por. Propósito significa *por adiante*. Algo, portanto, que vem na frente.

– Por onde tudo começa, então.

– Não necessariamente... – respondeu o Velho Taful, com ponderação – o propósito é algo que você procura.

– Procurar o propósito? – interpelei, atônito – Pensei que o propósito é que iria me conduzir.

– Vamos recorrer, agora, aos gregos – ele continuou, puxando outro livro da estante. Está aqui: propósito em grego é o mesmo que *skopos*. De onde saem outras palavras como *telescópio*, *microscópio*, *periscópio*. Todas elas servem para observar em estado de alerta. É assim que descobrimos o nosso propósito.

– É tanto procurar como colocar à frente – arrisquei, tentando sintetizar.

– É tanto o alvo como o sentido da seta – ele esclareceu.

Eu estava confuso, mas resolvi seguir adiante, prestando atenção no que ouvia.

O Velho Taful colocou um disco para tocar, enquanto preparava o café em sua inseparável cafeteira italiana, a quem chamava carinhosamente de Rita.

– Ponha as xícaras na mesa, Aladim.

– Aladim? Esse não é o meu nome! – reagi, espantado.

– A partir de agora você vai ser o Aladim – ele ordenou, como a propor um jogo. Conhece a história?

– Sim, mas gostaria de saber qual é a sua versão.

Enquanto servia o café, o Velho Taful continuou:

– É um dos principais contos da cultura árabe e está no livro *As Mil e Uma Noites*.

A bebida tão aromática estava bem quentinha; muito apropriada para aquela manhã fria de domingo.

– Vou resumir – ele falou. Aladim é um jovem que se recusa a aprender o ofício do pai, que é alfaiate. Considerado desobediente por sua mãe, ele não se preocupa com o seu futuro. Até que se depara com um mago. Esse encontro é determinante para modificar a sua trajetória.

Respirei fundo. Conhecia a história, mas não esses detalhes.

– O mago lança um desafio para Aladim: obter uma lâmpada maravilhosa que contém um gênio com o poder de realizar os desejos.

Vasculhando entre badulaques, o Velho Taful recolheu uma lamparina colorida, lembrança de uma de suas viagens à Turquia.

– Aladim, basta esfregá-la para que o gênio apareça e realize os seus desejos – ele simula o gesto, antes de passá-la para mim.

Segurei aquela lamparina com o ímpeto de fazer o

movimento indicado, como se estivesse vivendo o conto de Aladim n'*As Mil e Uma Noites*, mas me contive sentindo-me ridículo.

– O que tudo isso tem a ver com o propósito?

O Velho Taful cofiou os bigodes antes de responder.

– Você descobre o seu propósito quando bebe na fonte do desejo. Antes do propósito, o desejo. E assim como o Aladim, você tem direito a três desejos.

Pensativo, tomei mais um gole de café.

– Vou precisar de um tempo. Não sei direito o que pedir, ainda.

– Aladim, estamos diante de um problema! Você nem ao menos sabe o que pedir. Precisa imaginar o que deseja. Essas imagens são projetadas para fora, o que permite encontrá-las. Sem desejo, não há busca. Sem busca, não há encontro.

– Acho que começo a entender a história da seta e do alvo. O propósito depende dos desejos e os desejos dependem do propósito.

– É isso mesmo: a seta busca o alvo, o alvo busca a seta. Proponho que você pense a respeito e traga os seus três desejos no próximo encontro.

Antes de ir embora, brinquei com o Velho Taful.

– Duvido que tenha conhecido o gênio da lâmpada.

– Errou na mosca! Conheço-o bem – comentou, rindo, enquanto sorvia o último gole de seu café.

#### 4

##### A vida das palavras

O Velho Taful era um homem das letras. Como bom leitor e escritor, tinha paixão pelas palavras. Ele as apreciava, tanto em prosa como em poesia. Com ele também aprendi a gostar das palavras e de seus significados. Ensinou-me a buscar seu étimo, ou seja, sua origem. Uma de suas diversões era pesquisar nos dicionários etimológicos e analógicos, os quais mantinha sempre à mão, facilitando as consultas.

– Você já pensou na palavra *ódio*? – Indagou, enquanto a escrevia com giz branco na lousa escura que mantinha em seu ateliê de leitura e escrita.

– Não sei onde quer chegar – murmurei.

– O que você sente diante dessa palavra de apenas quatro letras? – ele voltou a indagar.

– Algo perturbador! Não desperta, em mim, bons sentimentos – admiti, sem rodeios.

– De fato, é mesmo impressionante o mal que pode causar, se buscarmos em nosso interior o lugar sombrio onde ela e o sentimento correspondente habitam – ele acrescentou, para em seguida registrar mais uma palavra no outro canto da lousa.

– E essa, que sentimento lhe causa?

Diante de *entusiasmo*, respondi:

– Para mim, essa é inspiradora, me traz bons sentimentos.

– E não é para menos – frisou o Velho Taful –, pois em seu étimo está inserida a palavra Deus, do grego, *enthousiasmós*, que pode ser traduzido, entre outras alternativas, por *inspiração divina*. Não é possível sentir-se mal, seja pronunciando, pensando ou sentindo essa palavra.

Aprecio o que ela provoca em mim e nas outras pessoas – ele comentou, sorrindo.

Na sequência, afirmou:

– Palavras têm poder! O poder de seu significado.

– Mas o que tudo isso tem a ver com propósito? – indaguei, só para me certificar, embora já intuisse a resposta.

– Tudo! Propósitos são descritos por palavras e, como vimos, elas têm vida e poder. Tanto podem abrir como fechar janelas, incluindo as janelas de oportunidades.

Notei que ele estava me preparando para o que viria. Como um bom educador, sabia preparar o terreno antes da sementeira. As palavras fazem parte desse movimento. Emprestam ao propósito o significado de que ele precisa para fazer o seu trabalho no mundo. Assim como um bom artesão escolhe o melhor insumo para o seu artefato, cada um de nós deve escolher a melhor palavra para o que dá vida e vigor ao que vai conduzir a nossa história.

O Velho Tافل seguiu adiante:

– Tome como exemplo a palavra *destino*. Há quem compreenda destino como algo independente de nossos planos, vontade ou capacidade. Os antigos gregos acreditavam que três irmãs fiandeiras decidiam o destino de uma pessoa, ao longo do fio da vida, do amor e do poder. Uma delas controlava o comprimento do fio, a outra o tecia e a terceira o cortava, quando chegava o fim. Tudo previamente determinado. É uma metáfora da presença de uma força ou poder fora de nosso controle.

– Ou seja – acrescentei –, destino é algo que está posto e sobre o qual nada podemos fazer. Está além das nossas possibilidades.

– Diferentemente de *desígnio*, embora ambas sejam oriundas do verbo *determinar* – ele esclareceu.

– “Oriunda”, que palavra é essa? – eu quis saber.

– Significa que tem a sua origem...

Cada palavra que o Velho Tافل arranja! – pensei.

– Destino, como algo determinado; *desígnio*, como algo a ser determinado – ele proseguiu.

– Velho Tافل, consegue ser mais claro?

– *Desígnio* implica que temos alguma ingerência sobre o que nos acontece. Você conhece o livro de Jonas, da Bíblia?

Não, não conhecia. Só de ouvir falar. Escutei, atento.

– Jonas é o arquétipo bíblico que se recusou a transformar o seu destino em *desígnio*. Não queria viver o *desígnio*. E sua vida se tornou trágica. Enquanto não fizesse a escolha, ele vivenciou desventuras, a ponto de ser lançado ao mar e engolido por uma baleia. Lá ficou três dias e três noites e só conseguiu sair quando, finalmente, aceitou o seu *desígnio*.

– Dentro da baleia mora Mestre Jonas – cantarolei uma canção que fazia muito sucesso na época.

O Velho Tافل sorriu e retomou o fio da meada.

– Assim acontece conosco quando vivemos encerrados nas teias do destino, sem encarar o *desígnio*. As portas se fecham, os esforços são desmedidos, os empenhos geram desempenhos cada vez mais fracos e não se cessa de dar murro em ponta de faca. Um grande potencial pode ser destruído e a sorte passará entre os dedos. Há quem chame tais infortúnios de destino, mas não passam de reiterada recusa ao *desígnio*.

Ouvi estupefato. Sentia-me exatamente assim: dando murro em ponta de faca. E achava que podia ir mais além.

– Destino, porém, não leva necessariamente ao fracasso; pode, sim, determinar o tão propalado sucesso. E

talvez essa seja a sua faceta mais cruel: tanto as escolhas que fazemos como o êxito obtido podem camuflar o real desígnio, onde mora o nosso verdadeiro propósito.

Senti um frio na espinha. Será que estava no emprego certo? Evoluía na carreira e conquistava postos, mas esse seria o meu melhor futuro? Por vezes, sentia vontade de respirar outros ares. Mas estava com o sustento assegurado, e isso me retinha.

Compreendi a importância das palavras. Embora com a mesma etimologia, destino e desígnio tinham significados diferentes e escolher entre uma e outra fazia toda a diferença.

Desígnio é dar sentido e direção à vida. É revesti-la de propósito e significado. Aprendi, com o Velho Taful, que não se deve esperar que aconteça do jeito que se imaginou. Seria apostar na previsibilidade e na regularidade, tirando toda a graça da aventura. E isso nem é o mais importante.

Destino se refere ao futuro, enquanto desígnio tem a ver com o impacto futuro das decisões tomadas no presente. Não se trata “do que farei se isso acontecer”, mas “do que acontecerá se eu fizer isso”. A seta e o alvo, sutilmente, mais uma vez.

Não por acaso, portanto, o Velho Taful me assegurou:

– Se estiver no rumo certo, a vida se abrirá como um girassol diante do astro-rei, ambos em perfeita conexão. E poderá ir além do que havia sido imaginado, pois o Sol faz a sua parte quando o girassol faz a dele.

– E então, Aladim, elaborou os seus três desejos? – ele perguntou, como sempre de maneira direta.

– Sim. Estão aqui.

Mostrei-lhe a folha onde havia escrito:

*1º Desejo: ter sucesso na profissão.*

*2º Desejo: ganhar muito dinheiro.*

*3º Desejo: gostar do que faço.*

Cofiando o bigode, o Velho Taful examinou um a um, lendo em voz alta.

– Pois bem, Aladim. Você mesmo vai colocá-los em xequê. Eu, como o gênio da lâmpada, vou lhe dar sinais para que avalie se vai ou não realizar os seus desejos.

Começava a gostar da experiência de reviver Aladim. Sentia o cheiro de aventura no ar.

– Esta é uma viagem que se inicia sem um destino definido. Vai, portanto, se moldando na medida em que prossegue. Lembre-se de que o propósito não é algo a ser definido, mas descoberto. Para tanto, é preciso procurá-lo.

O Velho Taful desenhou uma rota na lousa, margeada por cinco estações.

– Esse é o percurso que você vai fazer. É apenas um esboço. Cada pessoa delinea o que prefere, a partir de seus desejos. Portanto, não há um percurso igual ao outro. O importante é passar pelas cinco estações. Cada uma delas implica um desígnio. Visitá-los e fazer ajustes nos desejos fará com que o propósito seja revelado.

– Então, se bem entendi, passarei por cinco desígnios – tratei de testar meu entendimento e de simplificar as explicações.

– Sim, mas avance sem pressa. Descubra e siga seu ritmo. Importante é assimilar bem cada um dos desígnios. Conceda, generosamente, tempo para reflexão, ajustes de rota e experimentação. Só assim alcançará o seu propósito.